

humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

ventes de Montfaucon» (p. 21); «a cólera embriaga, assim como a vanglória e os *contra-sensos*» (pp. 135-136).

Nós que nos mantemos atentos à linguagem do vulgo, apreciamos as referências que S. João Crisóstomo faz às pessoas do campo e à sua linguagem típica, não ficando bem claro, só pela tradução, se se trata do «grego dos camponeses», se de dialectos micro-asiáticos indo-europeus ou não (cf. pp. 177-178): «maneira de falar que eles usam em vez da nossa», «língua bárbara que é a sua». Crisóstomo contrapõe a incultura da linguagem à cultura do espírito e à sabedoria das pessoas do campo. «Olha para este homem simples e rústico (...). É a sabedoria que o ilumina sobre esses bens inefáveis e conhece na perfeição o que os filósofos, tão orgulhosos da barba e do bastão, nem sequer conseguem imaginar» (pp. 178-179).

J. G. F.

SANTO AGOSTINHO, **Sermões para a Páscoa**, Verbo, Lisboa — S. Paulo, 1974, 232 p.

O 2.º vol. publicado pela colecção *Origens do Cristianismo* corresponde ao n.º 116 das *Sources Chrétiennes*, cujo texto, introdução e notas foram elaborados por Suzanne Poque. A tradução portuguesa deve-se ao jesuíta P. António Fazenda.

A obra principia com uma breve *Nota biográfica* (pp. 9-11). A *Introdução* (pp. 15-120) divide-se em dois capítulos. No I (pp. 15-52) trata-se de «O sacramento da Páscoa», sendo abordados todos os aspectos bíblico-litúrgicos relativos à preparação e celebração da Páscoa, especialmente a situação dos catecúmenos e os ritos baptismais, tal com eles eram praticados na cidade de Hipona, diocese de Santo Agostinho. O II cap., sobre «A pregação pascal» (pp. 53-111) desenvolve o sentido da quaresma, a marcha espiritual e ritual dos catecúmenos e a celebração da Ressurreição até à oitava da Páscoa. A belíssima construção expositiva de S. Poque é abundantemente documentada com textos e remissões para sermões, tratados, comentários e outras obras de Santo Agostinho.

As *Notas* à «Introdução» vêm nas pp. 112-120. É pena não virem ao fundo da página respectiva, o que tornaria a sua consulta muito mais fácil. Aí se tratam variados aspectos, desde os etimológicos, às simples explicações, às remissões bibliográficas e citações de opiniões de outros autores, aos lugares paralelos noutras obras do doutor de Hipona. A nota 14 (p. 114), ao referir um rito discutível, como a lavagem dos pés após o baptismo, menciona a sua rejeição na *Hispania* depois do concílio de Elvira (perto de Córdova cerca de 306). A nota 32 (p. 117), ao explicar a hora de quebra do jejum, cita, a propósito, o francês *déjeuner* e observa, entre parêntese (talvez acrescentado pelo tradutor) que «nalgumas partes de Portugal diz-se *dejejum* ou *dejum* ou *dejua*».

Faz-nos falta o texto original de Suzanne Poque. Estranhámos que a editora não tenha dado a data dos sermões que seleccionou, nem nos diga concretamente onde se encontra o texto latino que reproduziu nem sequer qual o critério que adoptou, entre tantos sermões de Santo Agostinho consagrados à quaresma e ao tempo pascal, para escolher apenas estes 15. Aliás, o próprio *índice* (p. 231), além do simples n.º do sermão, devia reproduzir o seu título.

Do nosso ponto de vista, o filológico, alguns pequenos lapsos desfeiam a apresentação deste bom trabalho. A terra da naturalidade de Agostinho aparece, por duas vezes (p. 9), sob a forma «Tagasta». Cremos justificada a designação tradicional de *Tagaste*. Citando uma famosa obra de Plotino, dá-se-lhe o nome de «Enneidas» (p. 10). O nome vem-lhe de ser constituída por séries de *nove* (*ἐννέα*) escritos, donde a designação exacta de *Enéadas*. O nome da «deusa *Salus* (Saúde)» é transcrito como «a *Hugieia* grega» (p. 112). Hipócrates menciona a divindade *Υγιεία* cuja transliteração correcta é *Hygieia*. Será pura gralha a grafia *χαθεύδομεν* em vez de *καθεύδομεν* (p. 155).

Entre a multidão de temas tratados pelo grande doutor da Igreja, notamos também a presença do simbolismo dos números (pp. 211-215), a propósito da pesca de «153 grandes peixes». A explicação do texto já fora precedida de judiciosas observações na *introdução* (pp. 54, 99-100 e 116). A tradução apresenta-se em português escorreito e mesmo de bom recorte literário. Merece os nossos parabéns o P. António Fazenda que, a ser um pregador que conhecemos na nossa adolescência, já terá passado à Páscoa eterna.

O n.º 3 da Colecção *Origens do Cristianismo*, dedicado a Tertuliano, *A moda feminina. Os espectáculos*, já foi recensado na *Humanitas* XXV-XXVI (1973-74) pp. 327-331 pela nossa colega M. Teresa Schiappa de Azevedo. O n.º 4 deve ter sido sobre S. Leão Magno, *Sermões para o Natal*. Se, de facto, chegou a sair, não se encontra na Universidade de Coimbra. Os tempos correram adversos a esta colecção. É pena que tenha terminado. Auguramos a sua continuação *in tempore opportuno*.

J. G. F.

SEBASTIÃO FARIA, *Natal e Eucaristia*, Pontificium Athenaeum Anselmianum, Edições da Sociedade de Mariologia Mater Ecclesiae, Braga, 1973, 417 p.

A celebração do Natal principiou por meados do séc. III e está documentada, em Roma, desde o segundo quartel do séc. IV. A sua origem parece estar ligada à substituição das festas pagãs, a 25 de Dezembro, em honra do *Sol Oriens*, *Sol Nouus*, *Natalis Inuicti* (cf. pp. 300, 320). A alteração e novo sentido do culto partiu das designações bíblicas de Cristo como *Sol Oriens*, *Sol Iustitiae* (cf. remissões bíblicas p. 300). Mas, ao celebrar as suas festas, a Liturgia cristã não comemora apenas